

**“OCUPAMENDES”: QUANDO A DROGA DA
OBEDIÊNCIA NÃO FUNCIONA MAIS!
RELATOS DA OCUPAÇÃO ESTUDANTIL DO COLÉGIO
ESTADUAL PREFEITO MENDES DE MORAES, A PRIMEIRA
ESCOLA OCUPADA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

Aluana Guilarducci Cerqueira¹

Ana Clara Alves²

Andreh Luiz Faustino Rodrigues da Silva³

Annie Caroline dos Santos Ferreira⁴

João Victor de Souza Argemiro⁵

RESUMO: Situado no contexto das ocupações estudantis – que marcaram o cenário político brasileiro desde o fim do ano de 2015, chegando nas escolas fluminenses no início de 2016 – este trabalho tem como objetivo relatar e refletir sobre processo de surgimento do movimento de ocupação estudantil nesta escola e a sua articulação política com os demais atores da comunidade escolar, seus dilemas e conflitos, a experimentação política de gestão escolar dos estudantes secundaristas através da ocupação, as suas inserções nos espaços políticos, assim como os exercícios democráticos construídos na ocupação da escola e seus desdobramentos posteriores. Para isso foram utilizados relatos de quatro estudantes sobre o processo de ocupação, as suas demandas por participação política, as demandas específicas a respeito de gênero e sexualidade na escola, a experiência de representação estudantil e organização do

¹ Professora de Sociologia da rede estadual de educação do RJ, lotada no Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UERJ. E-mail: aluanaguilarducci@gmail.com

² Estudante do C.E.P. Mendes de Moraes até 2016. E-mail: anyfernandes77@gmail.com

³ Estudante da 2ª Série do C.E.P. Mendes de Moraes. E-mail: andreh.luizr@gmail.com

⁴ Estudante do C.E.P. Mendes de Moraes até 2016. E-mail: anniecarolinesf@gmail.com

⁵ Estudante da 2ª Série do C.E.P. Mendes de Moraes. E-mail: j_souza11@hotmail.com

espaço escolar, além das resistências internas (*desmovimento*⁶ “Desocupa”) e as conquistas. Buscamos também tratar dos processos políticos que precederam o surgimento do movimento de ocupação na escola, os limites da democracia no espaço escolar e as transformações a partir do processo de ocupação protagonizado pelos estudantes. Este artigo é fruto de um exercício coletivo, construído por alunos de séries variadas, que participaram da primeira experiência de ocupação estudantil no estado do Rio de Janeiro, em conjunto com uma das suas professoras, respeitando a linguagem livre e as escolhas argumentativas feitas pelos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Ocupação de escola, democracia escolar, participação política, estudantes secundaristas.

INTRODUÇÃO

São jovens entre 14 e 19 anos, moradores de favelas e periferias, de bairros populares, localizados à beira das grandes avenidas do Rio de Janeiro, filhos de empregadas domésticas, camareiras, mecânicos de automóveis, passeadeiras, cozinheiras, caixas de supermercado, trabalhadores terceirizados do setor de serviços. Jovens que, apesar da precariedade do ensino público, veem na educação a possibilidade de superação das dificuldades sociais. Planejam suas vidas, projetam a entrada nas universidades, em um futuro melhor.

A escolha da escola, muitas vezes longe da moradia, custa longos engarrafamentos que podem levar até duas horas. Tudo para garantir a vaga na escola que é considerada uma das melhores da região. Uma conhecida escola da Zona Norte, antiga, tradicional e considerada de qualidade, uma exceção na realidade do ensino público no Rio de Janeiro. Até a ocupação de 2016 seu cotidiano era extremamente disciplinador e coercitivo, equipada com de câmeras de vigilância pelos corredores e pátios, com muros altos e grades que cercam os ambientes, incluindo as janelas das salas de aula e os acessos aos pátios, regras rígidas de uso de uniforme (embora o estado não forneça as camisas há quase 3 anos), com fama de possuir bloqueador de celular⁷, inflexíveis normas de conduta e

⁶ Termo criado pelos estudantes para se referir ao grupo mobilizado contrário aos movimentos ocupação.

⁷ Essa informação sempre circulou informalmente pelo colégio, embora nunca tenha sido confirmada, o boato evidencia o sentimento de vigilância na instituição de ensino.

nenhum espaço para questionamento e participação dos estudantes nas suas construções ou debates. Um dos maiores exemplos de um espaço escolar disciplinador e nada democrático. Tem sido assim a realidade dos estudantes do Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes nas últimas décadas.

Mas o que fez com que esses jovens se organizassem e se insurgissem contra a direção escolar e a secretaria de educação?

Com esse panorama não é difícil entender. Essa suposta qualidade de ensino nos últimos meses esteve ameaçada, e esses jovens sentiram na pele a queda vertical na qualidade das instalações e condições de ensino. Com a redução das verbas para a educação desde o fim de 2015 pelo governo do estado, os servidores estaduais tiveram atraso no pagamento do décimo terceiro salário, o contrato dos porteiros das escolas foi rescindido, deixando as escolas sem os funcionários que garantiam o controle da entrada e saída de pessoas, e que muitas vezes, por desvio de função, atuavam como inspetores. Além disso, os atrasos no pagamento às empresas prestadoras de serviço, assim como às assistências técnicas dos aparelhos de ar condicionado e aos serviços de internet para as repartições públicas estaduais, transformaram o espaço escolar num ambiente quente e caótico. A precarização atingiu seu ponto de pico, mesmo nas “escolas vitrine” como o *Mendes de Moraes*.

No retorno do Carnaval, quase todos os aparelhos de ar-condicionado estavam danificados pela falta de manutenção. O calor escaldante carioca do mês de fevereiro castigava os quase cinquenta estudantes e seus professores, em salas de aula muito pouco ventiladas, pois foram projetadas para climatização, que possuíam nenhum ou apenas um ventilador funcionando. Diversos professores e estudantes se retiraram de sala ao longo da semana por queda de pressão ou desmaios devido ao calor. Essa situação torturante durou quase uma semana, enquanto os professores e funcionários se mantinham com os décimos terceiros salários atrasados desde dezembro, lecionando com ausência de porteiros e de inspetores. Todas essas condições eram caracterizadas pelos próprios docentes como de total insalubridade. Os profissionais de educação aguardavam a assembleia do sindicato agendada para a semana

seguinte, que posteriormente declarou greve a se iniciar na primeira semana de março. Mas nesta unidade escolar até o momento não havia surgido nenhuma mobilização docente de maior vulto, apenas uma iniciativa de elaborar uma carta abaixo-assinado, relatando as péssimas condições de trabalho, a ser enviada para a Seeduc⁸ pela direção escolar. Esforço em vão.

Ao contrário dos tímidos esforços dos professores da escola – receosos com a retaliação da direção escolar, famosa por ser sempre a pioneira em abrir processos administrativos contra professores grevistas –, naquela quinta-feira do dia 25 de fevereiro, os alunos ocuparam os corredores, se sentaram ao chão e encerraram as aulas como protesto, exigindo uma solução imediata para a climatização das salas.

Naquele momento eles possuíam uma unidade e mobilização estudantil há anos não vista na escola, segundo relatos dos docentes mais antigos. Sentiam na pele a precarização e o abandono do estado. A mesma precariedade que já viviam nos seus locais de moradia, nos hospitais públicos e agora também chegava violentamente no espaço escolar.

A repressão da direção era famosa e naturalizada, muitos desses jovens estudantes moram em territórios militarizados⁹, ou vivenciam a experiência das operações policiais, amordaçados pela lei do silêncio que os mantém sob o duplo cerco da violência que acomete as populações das favelas e periferias cariocas. A coerção no espaço escolar é uma extensão dessa opressão, a sua continuidade. Tal sentimento de “obediência necessária” é quase uma condição de sobrevivência para os jovens pobres e negros do Rio de Janeiro, “obedeça e saia vivo”, “obedeça e saia com diploma”. “*Manda quem pode, obedece quem tem juízo*” expressão popular reproduzida pelos alunos, muitas vezes usada também para se referirem às regras da escola.

⁸ Seeduc RJ- Secretaria Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro.

⁹ Um número significativo de estudantes dessa escola é residente de um complexo de favelas carioca, onde poucos meses antes da ocupação escolar, foi afetado por uma ocupação das forças de pacificação do Exército por mais de um ano.

Acontece que quem tem juízo, por ter juízo, resolveu desobedecer. Pois a obediência os “assava” nas salas de aula, sufocando suas vozes e seus incômodos. Dali resolveram investir na organização estudantil. Chamaram os representantes de cada turma e convocaram a primeira assembleia. Horas após a divulgação da assembleia estudantil, foram surpreendidos com a notícia de que a direção escolar retirou das paredes da escola os cartazes com a convocatória da primeira assembleia, numa medida extremamente autoritária e ilegal de repressão à organização estudantil.¹⁰

COMO PARTICIPAVAM OS ESTUDANTES ANTES...

Segundo servidores responsáveis pela coordenação pedagógica, a secretaria de educação, até então, orientava as unidades escolares a organizar as chapas e eleições para grêmios estudantil nas escolas, submetendo assim as pautas e deliberações dos grêmios à aprovação da direção escolar e da secretaria de educação, ferindo a autonomia e liberdade política da organização estudantil. No site da Seeduc¹¹ existem orientações públicas sobre as etapas para a organização dos grêmios estudantis, tendo com um dos documentos de referência uma resolução de 1986, que atribuiu às secretarias de educação a aprovação de um modelo de estatuto com as atribuições da organização estudantil previamente estipuladas, onde direções escolares teriam o papel de organizar as atividades associativas dos estudantes. Cabe lembrar que tal resolução, além de caduca diante da *Lei do Grêmios Livres*, é apenas uma resolução, portanto sem poder de lei, além de contrariar a deliberação da lei estadual de 1992¹², que no seu artigo segundo declara que:

¹⁰ Tal tentativa de controle já tinha ficado evidente nos anos anteriores, quando um grupo de estudantes tentou organizar um debate sobre grêmios estudantis e a gestão da unidade exigiu “atestados de bons antecedentes” dos estudantes convidados para entrarem na unidade escolar, criando manobras diversas para dificultar qualquer intenção de organização de grêmios estudantis que não fosse absolutamente dependente e subordinada à gestão escolar.

¹¹ <http://www.rj.gov.br/web/seeduc/exibeconteudo?article-id=451406>.

¹² A Lei Estadual do Grêmios Livres está disponível em: <http://gov-rj.jusbrasil.com.br/legislacao/151149/lei-1949-92>.

“Art. 2º- É de competência exclusiva dos estudantes a definição das formas, dos critérios, dos estatutos e demais questões referentes a organização dos Grêmios Estudantis.”

Diante desse impasse, a gestão escolar não reconhecia que a organização dos secundaristas deveria ser uma iniciativa estudantil e autônoma, como previsto em lei, adotando inquestionavelmente as orientações da secretaria de educação. Nas experiências anteriores o grêmio era empossado através de uma lista de assinaturas passada em sala pelos funcionários da escola, sem que os estudantes compreendessem as atribuições de um grêmio estudantil, sem assembleias, ou debates entre chapas, cartazes de convocação, nem participação no processo eleitoral, apenas com a finalidade de cumprir a exigência da secretaria de educação da existência de um grêmio, tendo como objetivo a sua parceria com a direção e coordenação escolar¹³. Quando procurados por estudantes interessados na organização estudantil, os estudantes que eram os membros oficiais do grêmio organizado pela gestão escolar, nunca haviam se reunido ou executado qualquer atividade coletiva além da própria posse do grêmio estudantil, embora fossem usados constantemente como argumento para que a direção escolar não permitisse novas eleições.

Na última investida da gestão escolar para organizar um grêmio estudantil foi feita a exigência de que os estudantes poderiam se reunir, mas deveriam encaminhar a ata da reunião para a direção, para que após análise, fosse aprovada pela Seeduc. Num nítido esforço de controle da política estudantil, contrariando o que se entende como um espaço escolar democrático e a autonomia política dos estudantes.

Seguem abaixo os relatos desse processo, elaborados pelos próprios estudantes.

¹³ <http://www.rj.gov.br/web/seeduc/exibeconteudo?article-id=451406>.

RELATO 1: QUANDO TUDO COMEÇOU...

A partir do momento em que eu vi alunos passando mal de calor na minha escola, e depois vi adolescentes inconformados com aquele descaso, os vi sentados no corredor tentando de alguma maneira chamar atenção da direção. Tudo começou naquele momento, me lembro até hoje, quando ouvi dizer da assembleia e tal, percebi que eu poderia sim ter voz dentro da escola. Começamos a organizar reuniões, fomos para atos, conhecer secundaristas de outras escolas que de alguma forma também não se contentavam com aquela migalha. Depois de tantas tentativas, ocupamos. E sim, depois dali, aprendi tudo que não aprendi em doze anos no ensino público, não por incompetência dos meus professores, e sim pelo que o governo queria que nos tornássemos. No 3º ano nunca tinha aprendido tanto de história como aprendi na ocupação, nunca gostei de gays e lésbicas, por ter tido um ensino diferente em casa, mas lá aprendi que eles são seres como eu. Aprendi a questionar tudo, ter pensamento crítico, aprendi a me comunicar com as pessoas, me socializar. Aprendi a conviver com as diferenças, que o corpo é meu e que eu não preciso me incomodar com o que os outros vão pensar. Era totalmente machista, agora sei que a minha roupa não pode me definir. Tive aula de Geografia, História, Educação Física, Português, mas também tive de gênero, moral e política, tive aula sobre o mundo lá fora, e olha que eu era totalmente ignorante nessa questão. Aprendi que não posso me calar e nem abaixar a cabeça pra qualquer um, nem pra um PM. Sempre vi gente sendo humilhada, sempre fui parada por soldados e nunca pude me manifestar diante aquilo, pessoas morrendo baleadas... E quando tive a oportunidade de lutar contra o governo que assassina pobres todos os dias, aí mesmo é quem me manteve nisso.

Eu aprendi muito, mas devo tudo à ocupação. Ela acabou, mas minha vontade de lutar não, até hoje estou nessa, cansada, com psicológico abalado, quase desistindo, mas por tanto descaso, com mais vontade de lutar por ver minha escola “caindo”, por não ter caneta pros professores, por ter que pagar xerox, ou por não ter um simples papel higiênico. Mas a maior indignação é por ver uma direção tão opressora que tenta calar nossa voz, mas que mesmo assim a gente vai lá, e mostra que temos voz.

RELATO 2: A ORGANIZAÇÃO INTERNA DA OCUPA

Construímos uma organização entre os estudantes, para manter uma administração da escola, dividindo os alunos em comissões que ficariam responsáveis por cada função, como alimentação, segurança, comunicação, estrutura e atividades. Realizamos debates sobre assuntos que normalmente não são conversados nas escolas, como racismo, homofobia, feminismo. A partir disso os estudantes começaram a deixar mais o preconceito de lado e ter uma convivência de igualdade, que é muito importante. Não tratando as minorias com indiferença, e sim incluindo ao nosso meio social sem discriminação. Tinha dias na semana em que colocávamos o banheiro de forma unissex, fazendo com que ambos os sexos se respeitem dentro do banheiro. Construímos uma biblioteca livre, onde os próprios estudantes pegavam os livros que queriam ler, escreviam seus dados pessoais e poderia fazer empréstimo do livro sem ter uma pessoa para fiscalizar. Durante a ocupação também fizemos uma horta como forma de subsistência, onde podíamos plantar nossos temperos, ajudando na alimentação pois eram mais frescos e naturais. Foram realmente 56 dias de muita batalha, luta e inovação. A ocupação me ensinou a pensar que se eu tenho um direito tenho que lutar e reivindicar por ele, por mais difícil que seja consegui-lo. E, também de mostrar para os estudantes de todo o país que nós somos capazes, e que não podem nos privar de pensar. A luta só começou, e os estudantes não vão parar. É por mim e por todos, você pode vencer o sistema sim. A nossa luta não acabou, viemos para revolucionar.

RELATO 3: OS ATAQUES DO DESMOVIMENTO “DESOCUPA”

Eu sempre estudei em escola particular, mas sempre soube dos problemas que as escolas públicas tinham. Quando acabei o ensino fundamental, a minha última escolha era ir para um colégio estadual, mas fui obrigado por conta de condições financeiras, afinal, minha mãe é pensionista e meu pai faleceu há dois anos. Quando eu cheguei no colégio, vi logo os problemas, a estrutura da escola

é muito parecida com a de uma prisão, banheiros sujos e pichados com siglas de facções criminosas, tempos vagos; enfim vários problemas. Isso porque eu estudo numa das melhores escolas estaduais do Rio, o C.E. Prefeito Mendes de Moraes, uma escola dita como modelo. Eu sempre quis participar do grêmio estudantil do colégio, e quando alunos me chamaram para ajudar a organizar atos em prol de melhorias não só da educação, mas também em prol da estrutura da escola, eu amei a ideia e ajudei. Fizemos vários atos, e participei de praticamente todos, e não fomos ouvidos. O descaso que o governo do Pezão tinha com a gente era grande.

Os professores começaram a greve e nós estudantes decidimos apoiar. Me falaram de ocupação e eu na mesma hora apoiei, sabia o que era e sabia seu significado. Então ocupamos, fomos atacados pela direção e pela mídia, não fisicamente, não ainda. Cinquenta pessoas, alunos, pais, apoiadores, professores, ocupando uma escola. Sentimos frio, fome, sono, mas não desistimos da luta.

No segundo dia já ouve repressão. Um *desmovimento* começou a nos atacar, chamavam-se Desocupa, eram contrários a luta. Era formado por estudantes contrários ao movimento e tentaram rompê-lo de forma violenta. Nos primeiros dias com xingamentos, depois com pedras, garrafas, ovos, enfim, fomos atacados. Esses estudantes, quebraram e apedrejaram a escola de forma brutal, e com raiva, e sem nenhum motivo e argumento aceitável. Machucaram pessoas, e tentaram arremessar meu amigo do segundo andar do prédio anexo, isso me deixou bastante revoltado, me senti no tempo medieval, onde as pessoas não tinham diálogo e resolviam as coisas violentamente, e não aceitavam pensamentos opostos. Mas isso não enfraqueceu a luta dos estudantes, só nos deu iniciativa para começar um movimento muito maior.

Na ocupação eu via uma escola limpa, linda e política, no período de ocupação eu tinha orgulho de falar para minha mãe: “Estou indo pra escola”. Lá foi onde meus conhecimentos de política cresceram e muito, aprendi mais sobre política na ocupação do que em toda minha vida. Fazíamos atividades como saraus, debates, assembleias e etc. Um dia o Desocupa veio, e não estávamos preparados, tínhamos poucas pessoas,

vi meus amigos apanharem, sangrarem, chorarem. O prédio anexo estava destruído, sujo... Foi horrível!

A partir daquele dia, andamos preparados, e estávamos cansados, não queríamos mais apanhar, nem do governo, nem da polícia, muito menos de um *desmovimento* fraco mentalmente e politicamente. Fechamos a escola, totalmente. Fiquei um tempo sem ir para a ocupação, afinal, eu apanhei também. O último dia de ocupação, que eu fui, foi uma Guerra, a escola foi destruída, o *desmovimento* quebrou a escola, com bombas, pedras e tijolos. E nós resistimos até o último segundo. A ocupação foi tão boa para minha identidade política e pessoal, que até hoje estou na luta, indo nos atos, lutando contra esse governo corrupto que cada dia ataca ainda mais a saúde e educação. E vou continuar até acabar com isso, e que meus filhos possam estudar numa escola pública de qualidade.

RELATO 4: A VOZ QUE ULTRAPASSA OS MUROS DA ESCOLA

Sempre me interessei pelas formas da humanidade de se comunicar, nos se comunicamos de formas diferentes, seja por desenhos, por gestos, por palavras, por cores. Isso sempre me encantou de uma forma que eu nunca entendi. Eu sempre fui uma criança “fútil”, sempre quis ser rica. Por morar em uma das maiores comunidades do Rio e sempre estudar fora dela por “querer uma educação melhor”, eu sempre vi ser rica como a solução dos meus problemas. Todas as vezes que eu ligava a televisão e no noticiário estava falando sobre a minha comunidade eu comecei a acreditar naquilo, não por ser uma criança, mas sim porque não tinha ninguém pra me dizer que a tv mente e manipula. Eu que vivia ali entre as maiores vias do Rio de Janeiro comecei a acreditar. Estudei em escola pública a vida toda, meus pais sempre me incentivaram a estudar, a querer sair da “minha favela”. Nos últimos 5 anos da minha vida eu aprendi sobre algo que influencia muito na vida do “pobre e favelado”, política. Parece coisa pequena, mas não é. Eu descobri que o governo foi o responsável pelas vezes que eu estava brincando na rua e tive que me esconder com medo porque o caveirão¹⁴ estava na favela, foi o governo que me fez achar

¹⁴ Carro blindado da Polícia Militar do Rio de Janeiro, utilizado nas operações policiais.

que ser rica seria uma solução. Mais tarde com uns 13 ou 14 anos eu comecei a me sentir incomodada com os olhares que eu recebia na rua quando andava com uma roupa curta ou quando vinha sozinha de uma festa à noite, comecei a me questionar o porquê de ser olhada como um pedaço de carne. Com uns 15 anos na minha primeira aula de sociologia no Mendes, minha professora falou sobre o feminismo, falou como as mulheres eram objetificadas. Foi um “bum” na minha vida, eu estava fazendo política quando ensinava às minhas primas que se um homem te tocar sem a sua permissão é errado, e que quando você não quer não precisa acontecer.

Aí chega 2016 e eu estava cansada. Com o pior verão dos últimos tempos com a Lúpus atacada, com o estado recusando a me dar os remédios, o hospital que eu me trato quase fechando, a universidade dos meus sonhos quase fechando as portas¹⁵. O ano de 2016 começou sendo o caos, tudo para dar errado, até que... Entram umas 3 pessoas na minha sala de aula avisando que haveria uma assembleia estudantil. Fiquei curiosa, e fui. Vamos fazer um ato no bairro? Vamos! Vamos reunir um grupo pra ir pra um ato no centro? Vamos! Vamos ocupar o colégio? Oi? Como? Vamos com calma, vamos ocupar, por quê? O colégio está em ótimo estado. Foi uma das primeiras coisas que eu falei.

Mas ocupamos, nos dividimos em comissões. Comunicação Atividades, Alimentação, Estrutura. A palavrinha “comunicação” parecia que brilhava na hora que eu escolhi, eu sempre gostei de me comunicar com as pessoas, sempre quis fazer algo nessa área, foi a minha primeira oportunidade.

A comissão de comunicação era responsável pela divulgação da ocupação, listas de doações, manter contato com outras escolas, falar com a mídia, mostrar o colégio entre outras coisas. Eu lembro que no terceiro dia de ocupação eu já tinha mudado minha opinião sobre o Mendes, tinha muita coisa errada sim! E a gente começou a pôr “o dedo na ferida”, começamos a nos locomover para outras escolas, trazer as outras escolas pra luta. Mas a ocupa acabou, o amor pela comunicação não. Logo após a

¹⁵ A universidade relatada é a Universidade Estadual do RJ, que até hoje sofre com os constantes cortes orçamentários.

ocupação rolou uma inscrição para um curso de comunicação comunitária, uma extensão da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), o “Favela Fala” foi umas das melhores experiências da minha vida, eu descobri que você não precisa ter um equipamento de última geração pra ajudar a sua comunidade, sua escola ou alguém. Conheci outros militantes de várias causas, causas diferentes, mas com o mesmo objetivo de mudar o estado, o país quem sabe um dia o mundo?

O DESMOVIMENTO E A AUSÊNCIA DE DIREITOS

O surgimento do “*desmovimento* Desocupa” nos cobrou um esforço para tentar compreender porque alguns estudantes ainda resistiam às mobilizações e à proposta de autogestão estudantil da Ocupamendes. Todo esse contexto nos sugere o quanto é difícil romper das amarras da ideologia disciplinar do modelo da escola tradicional, pautado em uma metodologia de ensino ultrapassada, onde se reproduz a ideia de que professor bom é aquele que garante a rigidez do ensino e notas baixas, onde a escola não é um espaço de educação, de alegria, músicas, artes, cores, mas um espaço de adestramento, silêncio e sobretudo de seleção. Muitos estudantes adolescentes entendem que o adestramento é sinônimo de qualidade de ensino, e podem se surpreender quando chegarem às universidades e encontrarem um modelo de ensino onde o adestramento é menos explícito; mas aqueles que da escola vão direto para o serviço militar ou para as fileiras dos trabalhos precarizados, são capazes de se adequar mais facilmente, afinal foi para isso que foram rigidamente educados, para servirem obedientemente a patrões e superiores sem questionamentos.

De uma forma geral isso fica aparente nas principais críticas dos estudantes contrários à ocupação dirigidas às mobilizações políticas dos estudantes, aos professores grevistas, ao sindicato dos profissionais da educação e à presença de estudantes de outros segmentos como apoiadores da ocupação, em geral se baseavam em um profundo desconhecimento ou distorção de direitos, tanto políticos como sociais. Tinham como crítica fundamental a utilização da escola como espaço de educação com professores que não faziam parte do quadro docente

daquela unidade, o conteúdo das oficinas que debatiam direitos de minorias, ou atividades alternativas como hortas, teatro e dança, tratadas como secundárias ou desnecessárias ao ensino escolar. Mas, sobretudo, as principais críticas eram referentes às formas de organização interna e à desobediência à direção escolar e em consequência à secretaria de educação. Além dos discursos presenciais nesse tom, declarados nos momentos de confronto político entre os estudantes e pais de alunos, também eram encontrados nas redes sociais em posturas de ataque e difamação de estudantes e professores que participavam e apoiavam a ocupação.

A falta de compreensão dos direitos políticos dos trabalhadores levou alguns desses estudantes a considerar os períodos de greve dos seus professores como falta, assim como as paralisações e licenças médicas. Num país com uma enorme quantidade de trabalhadores informais e precarizados, onde temos tradição em péssimas condições de trabalho, desrespeito às leis trabalhistas e assédio moral, não é difícil compreender como esses direitos possam ser considerados como abusos e regalias para essa fração de trabalhadores e seus filhos.

Para jovens filhos de trabalhadores precarizados, informais, desempregados, cerceados de direitos diversos, sob ameaça constante de violações policiais, condicionados a uma educação pública de contenção disciplinar, ocupar e reinventar o espaço escolar é uma afronta quase imperdoável. Não é à toa que os maiores incômodos se referiam aos momentos de lazer organizados na escola durante a ocupação e a sexualidade dos estudantes envolvidos na ocupação. O Mendes é uma escola com um número significativo de jovens LGBTs, muitos destes engajados no movimento de ocupação, e que relatavam a identificação do espaço escolar ocupado como um espaço onde poderiam se vestir, dançar, usar o banheiro do gênero que se identificavam e ser quem eles eram. Foram muitos os relatos de que esse era o único espaço onde isso era possível.

Ao contrário do caso das ocupações do estado de São Paulo, o governo do Rio de Janeiro não precisou acionar a polícia, se utilizou de jovens motivados pelo medo de perder o ano letivo, pela homofobia,

desinformados dos processos políticos aos quais estavam sujeitos, imersos numa sociedade extremamente violenta trazendo em reflexo nos seus atos. Tiveram o trabalho apenas de estimular os desentendimentos.

Através de jornais de grande circulação a Secretaria de educação ameaçou a perda do ano letivo¹⁶. Divulgou manifestações contrárias à ocupação em sua própria página no Twitter¹⁷, e orientou a aliança das direções escolares com movimentos contrários, promovendo reuniões entre os profissionais que não aderiram à greve, pais temerosos pela perda do ano letivo com ocupação escolar e os estudantes do *desmovimento*, reuniões realizadas fora das instituições de educação, até mesmo em igrejas. Tal postura retrata a indisposição no diálogo com os estudantes que ocupavam a escola, a deslegitimação das suas demandas, através de um estímulo pelo conflito interno visando encerrar a ocupação, ignorando em absoluto as condições de boas relações futuras entre os membros do espaço escolar, polarizando a escola entre os que eram favoráveis e contrários à mobilização dos estudantes pela melhoria da educação pública.

Onde antes se mantinham relações de respeito e afeto, se transformou numa arena de guerra. As cenas mais dantescas que aconteceram nesta e em outras escolas, onde se polarizaram movimento estudantil e *desmovimento*, são desdobramentos de uma investida do estado, que se manteve mesmo após ter sido negada judicialmente a reintegração de posse, demonstrando um total descompromisso com a educação, com a vida e segurança desses jovens.

Nos parece que a ausência de direitos que assola esses jovens, desde o direito à vida, à uma moradia digna, ao acesso à saúde pública de qualidade, à qualidade de ensino, e tantos outros direitos que lhes são negados, dificulta que alguns possam enxergar como alternativa exigir educação de qualidade. A ausência de direitos é tão grande que para alguns a insubordinação aos abusos, ao autoritarismo e ao descaso são identificados como uma afronta a ser combatida.

¹⁶ <http://oglobo.globo.com/rio/escolas-ocupadas-secretaria-diz-que-alunos-podem-perder-ano-19226114>.

¹⁷ Disponível no anexo I.

AS PAUTAS DOS ESTUDANTES E SUAS CONQUISTAS

Em todo o estado do Rio de Janeiro, mais de setenta escolas após a ocupação do Mendes, também foram ocupadas, mobilizando uma luta estudantil estadual, unificando suas pautas comuns e integrando os estudantes de norte a sul do estado. As ocupações se iniciaram antes da greve dos profissionais da educação da rede estadual e algumas delas se estenderam utilizando parcialmente o espaço escolar, mesmo com o fim da greve. Foram quase cinco meses de greve. Sem dúvida a participação histórica e massiva dos estudantes foi fundamental para esse processo e teve grande responsabilidade pelas conquistas obtidas.

Após cinquenta e seis dias de ocupação em meio a muitos ataques, uma desocupação violenta promovida pelos grupos de estudantes contrários ao movimento e a sua seguida reocupação, os estudantes do C. E. P. Mendes de Moraes decidiram em assembleia por encerrar a ocupação por dois motivos principais: As reivindicações específicas em pauta foram atendidas e os ataques violentos tornaram insustentável a permanência, colocando em risco a vida e a integridade física dos estudantes.

Foram pautas conquistadas pelo movimento estudantil:

- a exoneração do antigo diretor;
- a quantia de quinze mil reais para o orçamento da escola;
- a negociação com a nova direção para o uso dos espaços da escola como laboratórios de informática, auditório, sala de dança, etc, que antes tinham uso extremamente restrito ou inexistente;
- a extinção da prova diagnóstico SAERJ e abolição das metas relacionadas à ela;
- a eleições para diretor;
- a eleição para grêmio organizado pelos estudantes e
- o aumento da carga horária das disciplinas de Sociologia e Filosofia para dois tempos por semana.

A exoneração do diretor foi publicada no Diário Oficial dias após a desocupação, sendo substituído pela sua mesma equipe de diretores

adjuntos, que passaram a atuar como diretores interinos, até as eleições para direção.

Nas semanas seguintes, os estudantes da rede estadual ocuparam o edifício central da Seeduc, reivindicando o atendimento das pautas específicas de diversas escolas estaduais que, apesar dos acordos com a secretaria de educação, não tiveram as suas demandas efetivamente atendidas, entre elas o *Mendes de Moraes*.

Atualmente a escola vive intenso debate político tanto no corpo estudantil como no corpo docente, no entanto ainda guarda profundas marcas da violência que assolou a escola. Apesar dos danos do clima de tensão e polarização constante, o debate político, sobre temas internos e externos à escola, hoje integra a vida escolar, sendo parte do repertório de assuntos em todas as turmas dentro e fora das salas de aula.

Ao fim do ano de 2016 foi realizada a consulta para direção escolar nas unidades que passaram pelo processo de ocupação. No Mendes duas chapas disputaram o pleito, uma composta por professores grevistas e outra com professores que se posicionaram contrários à ocupação. Com um resultado apertado, assumiu o cargo a segunda chapa, entre seus membros se encontram servidores pertencentes à antiga equipe gestora, chefiada pelo diretor exonerado do cargo, conforme demanda da ocupação. As demais escolas da rede estadual passaram pelo processo consultivo no ano de 2017.

A respeito do cenário político interno na escola, novos temas entraram em pauta pelos estudantes, como a organização de coletivo LGBT, atividades sobre questão racial articuladas com o movimento negro, propostas de debates sobre gênero, reivindicações de passe livre e riocard¹⁸, a utilização do teatro e da quadra esportiva além de outras demais pautas estudantis, todas protagonizadas pelos estudantes.

No início de 2017 foram realizadas as eleições para o grêmio estudantil, onde duas chapas disputaram o pleito. Uma com integrantes contrários à ocupação e a outra com integrantes que participaram da ocupação. Venceu a última chapa, que hoje articula diversos debates entre

¹⁸ Cartão de passe do transporte público fornecido pela secretaria de transportes.

os estudantes, participando ativamente da vida política na escola e fora dela. Além das conquistas da ocupação, somam-se ainda a recente criação de uma rádio e a construção do Pré-vestibular Rafael Braga¹⁹, organizado pelos estudantes com professores voluntários, realizado na escola no turno da noite. Infelizmente essa iniciativa encontrou resistência da direção escolar para a cessão do espaço, embora diversas salas se encontrem sem uso no turno da noite.

Além disso, professores que apoiaram a ocupação, organizaram um Grupo de Trabalho e Estudos, associados a um projeto de extensão da Faculdade de Educação da UFRJ que tem organizado oficinas na escola, visando a formação dos docentes a fim de realizar um trabalho que atenda adequadamente a diversidade do corpo discente escolar, em especial a respeito das questões de gênero e sexualidade. As oficinas são realizadas mensalmente na escola, abertas a todos os docentes, com convite especial à direção. Na ocasião da primeira realização houve indisposição da direção para a cessão do espaço. Até a presente data já foram realizados 4 encontros e não houve a presença da equipe gestora em nenhum deles.

¹⁹ Rafael Braga é um jovem negro catador de materiais recicláveis, preso injustamente em junho de 2013 sob o argumento de carregar material explosivo em uma sacola. Com ele foram encontrados uma garrafa de desinfetante e uma de água sanitária, o suposto material explosivo. Rafael Braga foi condenado a 11 anos de prisão em abril deste ano, se encontra preso desde 2013 e doente diagnosticado com tuberculose. A última decisão judicial recusou a sua prisão domiciliar para tratar da saúde. Atualmente ele, mesmo doente, ocupa cela coletiva com demais detentos. Seu caso é tratado por diversos movimentos sociais no Brasil como símbolo de luta contra o racismo institucional.

ANEXO 1²⁰

²⁰ <https://www.facebook.com/OcupaMendes/photos/a.241383286215691.1073741828.241377779549575/272936223060397/?type=3&theater>.

ANEXO 2

Manifesto do #OcupaMendes

REIVINDICAÇÕES ESTUDANTIS

Das pautas específicas do Mendes:

- Exoneração Imediata do diretor Marcos Madeira
- Manutenção da estrutura escolar
- Livre utilização das salas e laboratórios da escola para a melhor formação dos estudantes
- Funcionamento integral de todos os serviços da escola nos três turnos
- Retração por parte da SEEDUC em relação a nota caluniosa e criminalizadora a respeito da ocupação do colégio Mendes.
- Maior flexibilidade do espaço público da escola para atividades extracurriculares, uso, por exemplo, de esportes, teatro e dentre outras oficinas.

Das pautas gerais dos estudantes da rede estadual:

- Abolição do SAERJ
- Abolição do currículo mínimo
- Gestão democrática, nas escolas e da educação, onde a comunidade escolar (estudantes, professores, pais e funcionários) sejam a prioridade a ser ouvida
- Maior carga horária das disciplinas que envolvam o desenvolvimento crítico (Sociologia e filosofia)
- Abolição de metas que visam apenas à colocação das escolas em um ranking, que não priorizam o aprendizado do aluno.
- Volta imediata dos porteiros e inspetores
- Eleições de diretores com participação de alunos e toda a comunidade escolar
- Criação de uma grade de disciplinas obrigatórias e disciplinas eletivas. Permitindo que os alunos escolham quais matérias eletivas desejam ter aulas.
- Pagamento imediato e sem parcelamento dos salários atrasados dos nossos professores.
- Fim da superlotação. Convocação dos professores concursados imediatamente para atender as demandas.
- Passe Livre e estatização dos transportes já!
- Livre organização do Grêmio Estudantil
- Contra os Cortes dos Governos. Fora Pezão e todos aqueles que atacam a educação!



Ocupa Mendes

